

Darcy Ribeiro: o fazimento do Brasil.

Prof. Armando de Melo Lisboa
(UFSC)

“A Amazônia é o maior desafio que o Brasil já enfrentou” (1995: 335).

“Olhe Darcy, você é um príncipe da observação. Tem uma capacidade enorme de observação, tanto que eu uso muito os mitos e as coisas que você colhe. E por isso eu acho bobagem você fazer teoria” (Lévi-Strauss).

“Fazimento”, em Darcy Ribeiro, ressoa “fazer com sentimento”, no melhor estilo de Guimarães Rosa e Gilberto Freyre. Traduzindo a ideia de um processo vital contínuo, caloroso e barroco, diferenciado do acabado “gótico altivo de frias gentes nórdicas”¹, tão caro a Darcy, ela guiará suas respostas às indagações centrais de seu trabalho: *Por que o Brasil ainda não deu certo? O que somos entre outros povos?*

Como veremos, estas questões o impulsionam a inserir o Brasil dentro da América Latina e esta no processo civilizatório fruto da expansão europeia. Nosso resgate de sua interpretação do Brasil, foco do presente seminário², buscará descortinar a atualidade e a vitalidade de sua obra, destacando apenas os aspectos com força para inseminar os caminhos atuais e futuros deste país.

E buscaremos isto ao longo dos quatro momentos deste breve ensaio, que inicia com uma rápida reconstituição da sua rica e múltipla vida. Na sequência, apresentaremos uma síntese da sua visão sobre a formação do Brasil; um panorama da sua teoria civilizatória e o que ela ilumina aos brasileiros; e, por fim, a utopia estética que advoga para nossos povos.

1. Prelúdio: fazimento de Darcy, inconfidente redivivo.

“Não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um profundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas” (1995: 17).

“Eu sou atípico. O PC não me quis porque me achava um militante muito agitado, e a FEB não me aceitou porque os médicos achavam que eu era muito raquítico para ser sargento. Eu me entendi com o marechal Rondon e passei dez anos com os índios. Dali fui ser ministro da Educação, criei a Universidade de Brasília, fui chefe da Casa Civil do Jango, tentei fazer a reforma de base e caí no exílio. E foi no exílio que escrevi uma larga obra. Nunca gostei de ser político. No fundo, acho que sou político por razões éticas. Um poeta inglês pode ser só poeta. Mas num país com o intestino à mostra, como o Brasil, o intelectual tem a obrigação de tomar posição” (Zarvos, 2008: 191).

Carlos Lessa, ao iniciar o documentário “Sonho intenso”, cujo protagonista é o processo de industrialização brasileiro, pergunta: “**O que é o Brasil, o que é ser brasileiro?**” Diante desta indagação estruturante do longo documentário, o próprio Lessa de imediato responde citando Di Cavalcanti, Portinari, Tarsila, Macunaíma, o “gênio de Aleijadinho” e o barroco mineiro – “vitalidades de uma nova civilização que está nascendo no Brasil” – e, de forma incomum no âmbito dos economistas, conclui:

¹ 1995: 69.

² “Intérpretes do Brasil”, organizado no âmbito do Dpto. de Economia e Relações Internacionais da UFSC.

“pego a cultura para dizer que a economia sozinha não leva pra lugar nenhum” !

Ora, nossa época é marcada pela convergência sem precedentes entre ecologia e cultura. Adentramos no ANTROPOCENO, era na qual a humanidade se tornou um agente geológico do planeta. Tendo o tempo antropológico alcançado o tempo geológico, os clássicos dualismos ontológicos que singularizam o Ocidente (natureza e sociedade; ciências naturais e humanas) tornam-se obsoletos, impondo-se responder: como nós, humanos, nos encaixamos na teia da vida?

Antecipando-se profeticamente à “grande transição do século XXI”³ pautada pelo “novo regime climático”⁴, Darcy Ribeiro vislumbrou que os “povos novos, em fazimento”, como o brasileiro e outros latino-americanos, estão a “reinventar o humano”, a construir “uma nova civilização, mestiça e tropical, (...) melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa ...”⁵.

Como é sabido, a visão do Brasil, como “novo mundo nos trópicos” não é uma tese darcireana, pois, além de defendida por contemporâneos de DR⁶, tinha brotado anteriormente em Oswald de Andrade e a corrente antropofágica, bem como sido esculpida por Gilberto Freyre.

“Nascemos sob o signo da utopia”, não cansava de repetir Darcy. Inspirado nos primeiros relatos sobre a “visão do paraíso”⁷, Morus cunha a própria palavra “utopia” e redige seu mais que célebre ensaio. O impacto cosmológico do “Novo Mundo” foi tal que Montaigne, Shakespeare, o iluminismo europeu, e a própria Revolução Francesa, são devedores em muito da crítica indígena à civilização ocidental⁸.

Todavia, é apenas recentemente, após Lovelock (hipótese Gaia), que os ocidentais “descobrem” que “a Terra se comove”⁹, trazendo um deslocamento de placas tectônicas não menos poderoso que o vivido pela geração de Galileu (“a Terra se move”). Esta profunda revolução no *zeitgeist* se consolida com a simultânea revolução tecnológica e produtiva centrada no valor e na regeneração da natureza (*green deal*), a qual imensas oportunidades econômicas traz para o Brasil. Reconfigurada como “centro do mundo” no novo regime climático, a Amazônia, pela primeira vez, faz valer a amplitude de seu peso e dimensões amazônicas. Darcy nos apresenta a carta de entrada do Brasil na nova dinâmica geopolítica global.

Após diplomar-se na Escola Livre de Sociologia e Política (ELESP) e no auge de sua juventude, Ribeiro viveu uma imersão de uma década com indígenas no Brasil Central, o que dotou-lhe duma compreensão paradigmática crítica ao “progresso” e à “recolonização industrial” que brilhará até o final de sua fecunda trajetória. Mais que um compromisso político, DR teve com os povos ancestrais um compromisso vital. Confessando que a “vivência íntima com a floresta me inspirou”, compreendeu desde cedo que **“a mata é uma entidade viva”**, lição aprendida com os Kaapor¹⁰:

“A Amazônia é o maior ser vivente que jamais se viu. Uma enormidade de massa viva, nascendo e morrendo continuamente, nutrindo-se de ares, águas e terra. Mas, sobretudo, de si mesma, numa autofagia em que se desfaz e refaz, enquanto se multiplica e diversifica em miríades de vegetais e animais”¹¹.

³ Abranches (2017).

⁴ Latour (2020; 2020a).

⁵ 1995: 447; 449.

⁶ Bautista Vital: “civilização solidária dos trópicos” (1987); Richard Morse: “O espelho de Próspero” (1988); P. Clastres: “A sociedade contra o Estado” (1974).

⁷ Remeto, obviamente, à Sérgio Buarque de Holanda.

⁸ Cf. Oswald de Andrade, Afonso Arinos; Graeber e Wengrow, entre tantos.

⁹ Em verdade, a percepção de sermos parte de um todo maior e vivo possui, mesmo no âmbito ocidental moderno, uma longa genealogia, na qual Alexander von Humbolt (1769-1859) se destaca. A primorosa biografia dele feita por Andrea Wulf perfaz um preciso panorama da formação do *zeitgeist* ecológico hodierno.

¹⁰ 2022: 250; 98.

¹¹ 2015: 125.

Diferentemente dos seus companheiros da esquerda brasileira, Darcy não viu maravilhas no “milagre econômico do Regime Militar (vide “Sonho intenso”). Ao contrário, “os efeitos dessa política foram, por um lado, o crescimento exponencial de cidades (...) e o desencadeamento da violência urbana. Por outro, o desmatamento mais antiecológico da Amazônia e a violência rural que explodiu”¹².

Em Cuba, em 1989, declarou:

“mais industrialização como a paulista, mais exploração de minérios como Carajás, mais destruição da Amazônia, não melhoram em nada as condições de vida do povo e só consolidariam nosso papel de proletariado externo das potências cêtricas”¹³.

Sabedor que “a população mestiça neobrasileira da Amazônia herdou boa parte da sabedoria adaptativa” dos indígenas, propôs –

“em lugar da ilusão de que acumulando fábricas estrangeiras e grandes empresas agrárias de exportação acabaríamos reproduzindo a Revolução Industrial [com o] desenvolvimento pela industrialização substitutiva”¹⁴ –

a criação de comunidades que, organizadas em cooperativas e assentadas em “tabas de caboclos”, manejassem a psicultura e bosques frutíferos da região. Ao final de sua vida DR, de forma entusiasta, defenderá que este “**Projeto Caboclo**”¹⁵ é o maior sonho de sua vida e “o projeto mais importante que já surgiu no Brasil”¹⁶.

Não é pouco, considerando que Ribeiro concebeu e dirigiu a UnB (primeiro Reitor); concebeu e construiu o Sambódromo¹⁷; o Museu do Índio¹⁸; o primeiro programa de PG em antropologia brasileiro; o Parque do Xingu; o Memorial da América Latina; os CIEPS; a LDB, a UENF, hoje denominada Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro...

“Educador apaixonado pelo ensino público básico, e também criador e reformador de universidades. Ensaísta crítico e romancista, etnólogo de campo, além de ex-revolucionário ...

¹² 2022: 106.

¹³ 2022: 279.

¹⁴ 2022: 99; 250.

¹⁵ Na trilha desta inspiração darciana, surgiu, finalmente, o “Laboratório Criativo da Amazônia para Cupuaçu e Cacau”. Fazendo parte do visionário “Amazônia 4.0”, programa que aprimora a bioeconomia florestal junto às comunidades amazônicas, este Laboratório quer potencializar alternativas econômicas junto às comunidades indígenas e ribeirinhas. Uma ampla reportagem sobre o mesmo foi feita pelo JN (edição de 29/10/2021). Além dela, indico também as seguintes matérias:

<https://www.capitalreset.com/amazonia-4-0-as-biofabricas-de-carlos-nobre-comecam-a-sair-do-papel/>

<http://www.iea.usp.br/pesquisa/pesquisadores-colaboradores/projeto-amazonia-4.0>

¹⁶ 2022: 327. A “incorporação do campesinato ao sistema econômico e político brasileiro pela reforma agrária (...) é o caminho brasileiro da revolução social” (1997: 292). “Chico Mendes e seus companheiros foram os únicos que apontaram concretamente para como fazer a Amazônia habitável e rendosa” (1995: 336).

¹⁷ “Sambódromo não existe. O que existe é um **Escolódromo**, que empresta sua sede às escolas de samba na semana do carnaval. Este milagre foi possível porque Oscar meteu duzentas salas de aula debaixo das arquibancadas” (1997: 474). “Oscar” é Oscar Niemeyer (1907-2012).

¹⁸ Organizado para quebrar os estereótipos dos índios como brutais e inculturados, foi “saúdo internacionalmente como o primeiro museu voltado, especificamente, contra o preconceito” (1997: 196). Liderado por DR, o Museu do Índio acolheu a primeira pós-graduação em antropologia no Brasil.

Tantas peles encarnei na vida ...”¹⁹. Assim o ex-ministro da Educação e da Casa Civil (gov. João Goulart)²⁰, ex-vice-governador (de Brizola) e senador do RJ, assessor e amigo de Salvador Allende (para quem escrevia discursos presidenciais)²¹ e membro da ABL resume sua fabulosa vida.

Darcy não é produto feliz do acaso. Fez parte da “geração mineira de 1945”, com Paulo Mendes Campos (1922-91), Fernando Sabino (1923-2004), Otto Lara Resende (1922-92), Murilo Rubião (1916-91), Helio Pelegrino (1924-88), Francisco Iglésias (1923-99), Autran Dourado (1926-2012), Celso Brant (1920-2004), “todos revolucionários à sua maneira, sobretudo através da literatura”²². Esta geração, por sua vez, é fruto da “geração modernistas de Minas Gerais” de 1920/30: Carlos Drummond de Andrade (1902-87), Gustavo Capanema (1900-85); Juscelino Kubitschek (1902-76)²³; Afonso Arinos de Melo Franco (1905-90), Guimarães Rosa (1908-67).

Nascido em Montes Claros em 1922, “capital” do Norte de Minas, deslocou-se aos 17 anos para estudar Medicina em Belo Horizonte²⁴ (cursará até o 4 ano), engajando-se então na militância do Partido Comunista Brasileiro (ocasião em que devora “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”²⁵, de F. Engels)²⁶. DR é fruto da qualidade do ecossistema cultural da elite intelectual mineira, mas dista do estereótipo da mineirice²⁷: a incontida paixão, irreverência e um “linguajar nada parcimonioso” marcam toda sua dionisíaca trajetória, a ponto

¹⁹ 2022: 347.

²⁰ Sua atuação no governo Goulart, em conjunto com Celso Furtado, foi caracterizada como “reformismo-desenvolvimentista” por Carlos Guilherme Motta (1986: 29).

²¹ Em 1971 Darcy vai para o Chile, a convite de Salvador Allende. No onze de setembro de 1973 ele se encontrava morando no Peru, para onde tinha ido havia poucos meses. O general Velasco Alvarado, então Presidente do Peru, convidou Darcy para colaborar com seu governo “nacionalista-modernizador”.

²² Schwartzman, 2021: 73.

²³ É pelas mãos de Juscelino que DR será alçado para o cenário nacional, incumbido de conceber uma universidade na nova capital, Brasília.

²⁴ “Três anos de Belo Horizonte me haviam transfigurado. (...) Nestes anos, JK, prefeito de BH, edificava o conjunto da Pampulha. O que ele fazia era tão novo, diferente e espantoso que assustava os mineiros e por isso mesmo me entusiasmava. No dia em que Benedito Valadares foi lançar a pedra fundamental no campus da Universidade de Minas Gerais, eu fui lá com o meu grupo [comunistas] para apedrejar (...). Dei de ler literatura e poesia moderna. Um dia me encontrei gostando muito de Carlos Drummond, até da pedrada, creio que nasci naquele dia como intelectual” (1997: 79-82).

²⁵ A qual “tentei reescrever, quarenta anos depois, com o meu *O processo civilizatório*” (1997: 80).

²⁶ “Os comunistas é que me fizeram sentir responsável pelo destino humano (...). Foram também eles, apesar de todo o dogmatismo stalinista que imperava então, que atizaram meu fervor utópico” (2022: 53).

²⁷ Sem incorrer neste clichê, Ribeiro, em seu relato do processo histórico brasileiro, acentua o papel de Minas Gerais na formação nacional: o impacto da mineração do século XVIII

“foi muito maior. O Rio de Janeiro nasce e cresce como o porto das minas. O Rio Grande do Sul e até a Argentina, provedores de mulas, se atam a Minas, bem como o patronato e boa parte da escravidão do Nordeste. Tudo isso fez de Minas o nó que atou o Brasil e fez dele uma coisa só” (1995: 153).

Entretanto, ao fazer o elogio de Ouro Preto – “a mais alta expressão da civilização brasileira – transcreverá (no núcleo da sua obra magna, “O povo brasileiro”) três páginas de “meu romance da mineiridade: Migo”. Esta longuíssima autocitação se desfecha com as seguintes palavras:

“Minas, árvore alta. Minas de sangue, de lágrima, de cólera. Minas, mãe dos homens. Minas do esperma, do milho, da pétala, da pá, da dinamite. Minas carnal da flor e da semente. Minas mãe da dor, mãe da vergonha. Minas, minha mãe crepuscular” (1995: 156). ...

de uma das suas “biógrafas” o caracterizar como “indisciplinado”²⁸. Mais que “indisciplinado, era “ilimitado”, dirá outro “biógrafo”²⁹.

Uma segunda pele agregou com a forte ligação com a cidade de São Paulo, onde adentrou na ELESP, fez o Bacharelado em Sociologia e o mestrado, completado em 1947. Darcy relata, nas suas memórias, como o doutrinismo do PC lhe impediu de conversar com Mário de Andrade, mas lhe propiciou a “agradável experiência” da campanha eleitoral que elegeu Caio Prado Jr. deputado.

Concluído o mestrado, levou uma carta do prof. Baldus ao marechal Rondon (1865-1958), recomendando-lhe para o cargo de etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Foi o primeiro etnólogo contratado do SPI, onde trabalhou de 1947 a 1956. Deste primeiro encontro com Rondon, DR registrou: “fiquei galvanizado instantaneamente pela bela figura índia de Rondon, pela dignidade de sua fisionomia, pela energia de seu olhar, pela naturalidade de seu mando”³⁰. Rondon – “o principal dos humanistas brasileiros”³¹ – morrerá segurando as mãos de Darcy³². Sua amizade com Rondon, herói incontestado das Forças Armadas, lhe dará algumas regalias nos seis meses em que esteve preso num quartel da Marinha após o AI 5 em 1968.

Aqueles dez anos vividos praticamente imersos com diversos grupos indígenas marcaram definitivamente sua trajetória posterior, registra Bonfil Batalla³³. Em uma das raras interrupções desta longa convivência com os povos originais, convenceu Getúlio Vargas, em 1952, a criar o Parque do Xingu, o primeiro e o único do gênero no Brasil, cujo projeto de “caráter multicultural ambicioso para os padrões de qualquer época”³⁴ concebeu em conjunto com os irmãos Villas Boas.

Na recapitulação de sua vida, em “Confissões” (1997), Ribeiro, ao falar da “fascinação” desta longa convivência com os índios, revela que lhe “encantava” nos mesmos “sua dignidade, inalcançável para nós, de gente que não passou pelo mó da estratificação social”³⁵. Diante da “ausência de mandonismo”³⁶, da “generosidade”, da sua “espontânea e tranquila alegria”, da “limpeza e seu gosto de se embelezarem”, Darcy confessa que “até hoje me pergunto o como e o porquê dos seus modos tão extraordinários de serem tal qual são”³⁷. Bonfil Batalla lembra que para Darcy

“O índio não é um objeto de estudo. Desde o início de sua atividade profissional, Darcy se compromete – sempre vitalmente – com o destino desses povos ante a ameaça eminente que representa o avanço das frentes de expansão da sociedade brasileira.”³⁸

Se Rondon, “meu santo-herói”, foi um dos dois *alter egos* que Darcy dizia ter, o outro foi Anísio Teixeira (1900-71)³⁹, “meu santo-sábio”, com quem vai trabalhar após sair do SPI em 1956⁴⁰.

²⁸ Bomeny, 2001: 38.

²⁹ Reis, 2017: 325.

³⁰ 1997: 149.

³¹ 1995: 147.

³² Além do enterro de Rondon (1958), Ribeiro também proferirá antológicos discursos nos funerais de Di Cavalcanti (1976) e Glauber Rocha (1981).

³³ Bonfil Batalla, 1979: 238.

³⁴ Esta observação devo a João Francisco Lisboa.

³⁵ 1997: 158.

³⁶ “Lá ninguém manda jamais em ninguém. No máximo, um cabeça-de-família, exercendo discreta liderança, sugere que talvez seja bom fazer, agora, tal ou qual coisa. Alguém pode até querer mandar, mas nunca será obedecido. Rirão dele. (...) apesar de toda essa convivência intensíssima, não há lugar ali para nenhum conflito. Nunca vi dois índios brigando a sopapos, nem nunca vi um marido batendo em mulher, nem mesmo pais castigando filhos. Aliás, o respeito pela criança é um dos traços mais simpáticos da indianidade” (2022: 72; 85).

³⁷ 2022: 72.

³⁸ Bonfil Batalla, 1979: 238.

³⁹ Este realce é muito significativo porque Rondon e Anísio não eram de esquerda, muito pelo contrário.

Suas causas “foram ambas causas minhas: a proteção aos índios e a educação do povo”⁴¹. Revela que “fui para a educação pelas mãos de Anísio”⁴², e que também de Anísio “fiz meu o seu lema: não tenho compromisso com minhas ideias, busco a verdade”⁴³, dele encarnando ainda a concepção das escolas de tempo integral.

Leonel Brizola (1922-2004) completa o tripé do fazimento de Darcy⁴⁴. Nele encontrou “o patrono de sua utopia escolanovista”, fazendo-o “o maior educador do país”⁴⁵. A fidelidade à causa educacional e a Brizola (ambos fundarão o PDT) amalgamam-se, constituindo parte do núcleo definidor desta guerreira figura. Completam este núcleo, além do “profundo vínculo humano com os índios do Brasil”, conforme visto acima, a lealdade aos “padrões de trabalho científico”⁴⁶.

Em verdade, Darcy, com seu estilo apaixonado, insubmisso e iracundo, destoa do insípido modelinho weberiano convencional que separa os mundos da ciência e da política, os do saber e os da arte, e este “descarrilhamento” ele deve muito a Gilberto Freyre (1900-87). Em ambos a rígida dicotomia entre cabeça e coração é ultrapassada. DR louvou a combinação gilbertiana de “estudo científico com criação literária”, realçando que o “extraordinário fato de atender a dois amores” o fez “mais inteligente”. Em Casa-grande & senzala “são incontáveis as vezes em que o antropólogo se deixa engabelar pelo novelista”, desvenda Darcy em épico e amplo “prólogo”⁴⁷ a CG&S – “a obra mais importante da cultura brasileira”⁴⁸.

“Dos cientistas modernos do Brasil só Gilberto Freyre de fato me empolgou”, expressou Darcy⁴⁹. Tremendamente influenciado por Freyre – especialmente pelo método da *empathic ability* – dele também demarcará grandes diferenças, como veremos, as quais vão muito além das clivagens onde Gilberto enfatiza o “negro” e Ribeiro o “índio” como elemento dominante e demiúrgico na edificação da matriz brasileira; onde o sábio de Apipucos privilegia a força da casa-grande, enaltecendo-a, em detrimento da senzala; e o inconfidente denuncia a violência

⁴⁰ Assim Darcy expressou sua admiração por alguns amigos já falecidos: “Convivi com alguns homens admiráveis que já se foram. Entre eles meu herói Rondon; meu estadista, Salvador Allende; meu santo, frei Mateus Rocha; meu sábio, Hermes Lima; meu gênio, Glauber Rocha; meu filósofo da educação, Anísio Teixeira” (apud Gomes, 2010: 122). Em outra ocasião, afirmou que Josué de Castro (1908-73) foi “o intelectual mais brilhante que conheci” (1997: 122).

⁴¹ 1997: 223.

⁴² 2022: 217.

⁴³ 1990: 15. “Eu, que vivia cheio de verdades, custei a compreender a atitude dele, quando reiterava que não tinha compromisso com suas ideias. Custei a compreender que a única forma de se ter um compromisso com a busca da verdade é não estar junto a verdade alguma” (Zarvos, 2007: 94).

⁴⁴ A força do vínculo com Brizola decorre de que nele DR reencontra o “getulismo” que moldou sua identidade pública. Em suas “memórias”, DR registra a “mudança ideológica radical” que o suicídio de Vargas teve sobre ele: compreendi a

“besteira que fazia com minha postura de comunista utópico, à base de um falso marxismo. (...) Compreendi que me cabia tentar fazer o máximo possível, aqui e agora, para enfrentar os problemas do povo e do país. Isso é o que estava fazendo Getúlio e não o Partido Comunista. Desde então afastei-me dos comunistas e acerquei-me dos trabalhistas” (1997: 276).

⁴⁵ “O Brizola fez de mim o maior educador brasileiro, no sentido que fiz 507 CIEPs, fiz uma universidade, a Norte Fluminense, e preparamos 24.000 professores” (Bomeny, 2001: 49).

⁴⁶ 1986: 3.

⁴⁷ Publicada na tradução espanhola da Biblioteca Ayacucho, Caracas, em 1977. Não por acaso, naqueles dias Darcy iniciará sua “carreira literária”, onde nos brindará com quatro célebres romances.

Fernando Henrique Cardoso, em sua apresentação a CGS, faz menção a este “prólogo” de Darcy, e registra, comparando Darcy com Gilberto: “Darcy Ribeiro, outro renascentista caboclo, desrespeitador de regras, abusado mesmo e com laivos de gênio” (2013: 79).

⁴⁸ 1979: 69; 64.

⁴⁹ 2022: 55.

da mesma, acusa a elite brasileira pelos nossos fracassos, incorporando a luta dos desíndios, desafricanos e deseuropeus por sua humanidade.

No momento, cabe ainda realçar que Darcy elucida com precisão o indecifrável autor-esfinge que é Gilberto, tão impreciso e tão genial, tão conservador e tão revolucionário:

“GF viveu sempre o drama, a comédia – a novela – de ser dois: o pernambucano e o inglês. (...) Nesta capacidade mimética de ser muitos, permanecendo ele, é que se assenta o segredo que lhe permitiu escrever ‘Casa-grande & senzala’. Através de suas centenas de páginas, Gilberto é sucessivamente senhorial, branco, cristão, adulto, maduro, sem deixar de ser o oposto em outros contextos, ao se vestir e sentir escravo, herege, índio, menino, mulher, efeminado”⁵⁰.

2. Brasil-nação: formação e futuro.

“Andei pela terra, conheço o mundo, vi com meus olhos que não há província mais bonita que o Brasil. Conheço bem o povo brasileiro, até como antropólogo posso dizer a vocês que não só a terra é boa como o povo é ótimo. O ruim aqui são os ricos. Os bonitos, os educados. Sinto na ponta dos dedos, se estico as mãos, que em tempos previsíveis e breves se pode criar aqui um país próspero e solidário. Temos todas as possibilidades de fazer com que o Brasil dê certo. A condição é proibir o passado de se imprimir no futuro. É interromper a dominação hegemônica e perversa de nossa classe dominante infecunda. Inumeráveis são os exemplos de que ela e seus tecnocratas só planejam contra o povo. Aí está este horror que é o Projeto Carajás.

Metem lá todo o dinheiro do Brasil, para produzir o minério que os estrangeiros querem consumir. Vão produzir no Brasil um buraco maior que o maior buraco do mundo – que é o de Itabira, em Minas Gerais – deixando os brasileiros tão pobres como os mineiros” (2015: 245).

“Nenhum povo vive e se transforma sem uma teoria de si mesmo” (Reis, 2017: 329).

Darcy nos revela os tantos Brasis e, contudo, apenas um, uma só etnia nacional, um povo-nação, singularizado de povos limítrofes pela língua comum e por tradições compartilhadas. Esta nação unificada⁵¹ é um “feito extraordinário” se comparado com ao esfacelamento da América hispânica onde “em cada porto se inventa uma nação”⁵². Este feito, entretanto, não é mérito exclusivo das velhas classes dirigentes, como é comum atribuir, nem decorre principalmente delas.

“Sua unidade fundamental [das diferentes regiões] decorre de serem todas elas produto do mesmo processo civilizatório que as atingiu quase ao mesmo tempo; de terem se formado pela multiplicação de uma mesma protocélula étnica”⁵³.

Os primeiros núcleos luso-tupi foram enriquecidos com os “contingentes africanos, já totalmente desafricanizados pela mó acumulativa da escravidão”. Assim, brasilíndios e afro-brasileiros plasmaram, já nas primeiras décadas, através do processo de transfiguração étnica de suas matrizes, a protocélula cultural original, a qual “operou como o denominador comum dos futuros brasileiros de todas as regiões”⁵⁴.

Este processo de gestação étnica pelo qual chegamos a ser o que somos, brasileiros, foi um resultado improvável e surpreendente, uma espécie de subproduto indefinido

⁵⁰ 1979: 73, 66.

⁵¹ “Esta unidade nacional não deve cegar-nos, entretanto, para disparidades, contradições e antagonismos que subsistem debaixo dela” (1995: 22).

⁵² 1995, 157; 22.

⁵³ 1995: 254.

⁵⁴ 1995: 128.

“e indesejado do empreendimento colonial que só pretendia ser uma feitoria. A **empresa Brasil** se destinava era a prover o açúcar de adoçar boca de europeu, o ouro de enricá-los. (...) Éramos, ainda somos, um proletariado externo aqui posto para servir ao mercado mundial”⁵⁵ (grifo nosso).

Plasmados pelo cruzamento de índias com europeus, estes

“rebentos não se identificavam com a gente materna, escravizada e subjugada, e sim com a paterna, dominadora. Entretanto, estes rebentos mestiços não eram reconhecidos pela gente paterna como iguais e só superaram sua marginalidade quando se afirmaram como distintos de ambas as matrizes, cristalizando um *ethos* nacional próprio, o brasileiro.”⁵⁶

O mesmo ocorre com os advindos do tráfico negreiro. A etnia brasileira surge, assim, de duas **ninguendades**: a destribalização dos indígenas e a desafricanização dos negros. Nascemos da ningუendade, condição daqueles que, postos entre mundos conflitantes, vivem “o drama de ser dois, que é o de ser ninguém”.

Tornados ninguém pela violência do europeu, indígenas e africanos transfiguram-se, dando gênese a um povo novo: os brasileiros. Este caldeamento ocorrido nos trópicos conformou-se sob a regência lusa, “matriz cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizariam plenamente”⁵⁷.

Alçados pelas novas técnicas da navegação oceânica e das armas de fogo, os portugueses (e seus vizinhos ibéricos) “ganham uma energia expansiva inexplicável”⁵⁸ que, subjugando populações infinitamente maiores, lhes permitiu edificar a primeira civilização mundial. Ainda que lusitanizadas pela língua portuguesa e por serem constituídas como proletariado externo de um implante ultramarino da expansão europeia, estas massas morenas de mulatos e caboclos não perfazem uma Lusitânia de ultramar, mas um outro povo nos trópicos, o Brasil-nação.

Todavia, Darcy muito insistiu que a transfiguração geradora da macroetnia brasileira é fruto “de um processo muito mais amplo: o da expansão da Europa Ocidental”⁵⁹:

“apesar de tudo, somos uma província da civilização ocidental. Uma nova Roma, uma matriz ativa da civilização neolatina. Melhor que as outras, porque lavada em sangue negro e sangue índio, cujo papel, doravante, menos que absorver europeidades, será ensinar o mundo a viver mais alegre e mais feliz”⁶⁰.

Se, em GF, é ao redor da Casa-Grande que se gesta nossa matriz histórico-cultural, em Darcy esta matriz é o processo de transfiguração étnica que alçou massas humanas despojadas de suas identidades na tarefa de fazer Brasil. É em redor da protocélula constituída por mamelucos e crioulos que advém a “nova etnicidade englobadora de todos eles”⁶¹.

Para muitos “pensar o Brasil é pensar a formação do Estado nacional”. Para DR, o protagonista principal é o povo brasileiro, e não o Estado ou as velhas elites. Segue, portanto, a linhagem de Capistrano de Abreu: interpretar o Brasil do ponto de vista do povo “capado e recapado, sangrado e ressangrado” ao longo dos séculos.

Na sua ótica, a identidade brasileira não é uma inventiva narrativa sobre as nossas raízes, nem decorre simplesmente de linguagens semióticas dos circuitos de comunicação, mas brota de forças sociais ativas ou latentes que, resistindo ao desprezo e aos violentos processos de

⁵⁵ “Indignação”. In: 2015: 217.

⁵⁶ 1986: 412.

⁵⁷ 1995: 223; 20.

⁵⁸ 1995: 64.

⁵⁹ 1986: 370.

⁶⁰ 1995: 265.

⁶¹ 1995: 442.

exploração e extermínio, bem como às duras condições bióticas, se expressam em inúmeros conflitos e rebeliões, as quais moldarão a percepção de nossa alteridade matricial:

“Essa alternidade só se potencializou dinamicamente nas lutas seculares dos índios e negros contra a escravidão. Depois, somente nas raras instâncias em que o povo-massa de uma região se organiza na luta por um projeto próprio e alternativo de estruturação social, como ocorreu com os Cabanos⁶², em Canudos, no Contestado e entre os Mucker”⁶³.

Ou seja, indicando que não somos tão cordiais, pacíficos e democráticos como reza certa tradição, e mantendo imensa distância de uma elogiosa ótica senhorial, Darcy acentua a marca das “guerras do Brasil”⁶⁴, os contínuos conflitos e revoltas que dilaceram nossa história, entre os quais Palmares (e os acima arrolados), que são extensamente analisados, além de presentes em toda sua obra:

“O processo de formação do povo brasileiro, que se fez pelo entrelaço de seus contingentes índios, negros e brancos, foi, por conseguinte, altamente conflitivo. Pode-se afirmar que vivemos praticamente em estado de guerra latente, que, por vezes, e como frequência, se torna cruento, sangrento”⁶⁵.

Sua concepção etno-histórica da formação brasileira se distancia duma visão culturalista e reificadora das etnias, pois além daquela unidade étnica básica sofrer a ação das forças econômicas – “os brasileiros como um povo que não existe para si, mas para servir à prosperidade de minorias locais e longínquas”⁶⁶ – sobre ela também incidem vetores ecológicos (que “obrigaram a adaptações regionais”), e a força da imigração (europeus, árabes e japoneses ao aqui chegar já encontraram a protocélula nacional formada e “capaz de absorvê-los e abrasilá-los”⁶⁷).

Portanto, Darcy se diferencia de Gilberto também por não assentar sua análise da nossa conformação nacional em Pernambuco, em partes do Nordeste ou em alguma outra região. Distingue, extensamente, as “múltiplas formas de participação no ser nacional”⁶⁸, os diversos modos rústicos de ser dos brasileiros: caipiras do Sudeste e Centro, gaúchos das campanhas sulinas, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, e sertanejos do Nordeste, além de ítalo-teuto-nipo-brasileiros – “todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais”⁶⁹.

É “espantoso” que as ilhas-Brasil, tão iguais e tão diferentes, tenham se mantido aglutinadas numa só nação. O que integrava este arquipélago era o vigor e a flexibilidade da identidade étnica protobrasileira precocemente constituída, além ação aglutinadora da estrutura socioeconômica colonial de caráter mercantil (tornando todos um proletariado externo). Mais contemporaneamente, estas áreas culturais se aproximam ainda mais face ao “imperativo do processo geral de industrialização que a todos afeta e em virtude da ação uniformizadora dos sistemas de comunicação de massas”⁷⁰.

Darcy reconhece, portanto, o lado exitoso da modernização promovida pela industrialização substitutiva de importações concebida pela CEPAL⁷¹. Mas, também ressaltou que contivemos a capacidade transformativa da industrialização – por tornar obsoleto o trabalho muscular como

⁶² “A mais cruenta da história americana, custou mais de 100 mil vidas” (“A Amazônia e seus povos”, in: 2015: 129).

⁶³ 1995: 25.

⁶⁴ “As guerras do Brasil” é um dos subtítulos de “O povo brasileiro” (p. 167).

⁶⁵ 1995: 168.

⁶⁶ 1986: 370.

⁶⁷ 1995: 21.

⁶⁸ 1996: 421.

⁶⁹ 1995: 21.

⁷⁰ 1995: 265.

⁷¹ 1995: 202.

fonte energética, ela possui um “caráter libertário”. Entre nós, todavia, como a industrialização deu-se pela via reflexa da atualização histórica, ela

“se converteu num mecanismo de recolonização, [transformando] a classe dominante nacional de uma representação colonial aqui sediada, numa classe dominante gerencial, cuja função agora é recolonizar o país, através das multinacionais”.⁷²

Acentuou Darcy, ainda, que a concentração desta “industrialização recolonizadora” em São Paulo “fez deste estado um polo de colonização interna (...), implantando um colonialismo interno” que agrilhoou o desenvolvimento dos Brasis das outras regiões⁷³.

Os índios e nós.

“O índio está condenado a ser índio porque não pode ser outra coisa. Ele só sabe viver segundo seus costumes. Esses costumes mudam lentamente. O que temos que fazer, não é transformar o índio num não índio, mas transformá-lo num índio melhor; mais armado de instrumentos, mais protegido contra as nossas enfermidades, com a garantia da terra em que vivem” (1978: 91).

Advoga Darcy que o crescimento dos neobrasileiros “na forma de uma macroetnia” difere radicalmente das microetnias, cujo outrora aumento populacional conduzia à partição e advento de novas etnias que, “afastando-se uma das outras, iam se tornando reciprocamente mais diferenciadas e hostis”. Apesar da unidade linguística e cultural dos povos tribais, eles não configuravam uma macroetnia. A não ser em raras e “efêmeras confederações regionais que logo desapareceram”⁷⁴, eles jamais se unificaram como uma “organização política que lhes permitisse atuar conjugadamente”⁷⁵.

Os estudos de Darcy demonstraram que a transfiguração dos povos indígenas originários difere profundamente da tese clássica, até então “reiterada por todos”, da aculturação progressiva que converteria as aldeias em vilas e cidades, selvagens em civilizados, índios em brasileiros⁷⁶. Esta “historieta clássica (...) é absolutamente inautêntica”⁷⁷. Ribeiro se insurge contra esta visão da assimilação decorrente do conceito de “aculturação” então preponderante nas análises etnológicas:

“não houve assimilação das entidades étnicas, mas absorção de indivíduos desgarrados, ao passo que aquelas entidades étnicas desapareciam, ou se transfiguravam para sobreviver.”⁷⁸

Ribeiro destaca que a “integração” dos índios à sociedade nacional dá-se na condição de marginal da mesma, sem fusão na macroetnia brasileira, pois suas etnias se transformam pela transfiguração da condição de índios específicos à de “índios genéricos que quase nada conservam do patrimônio original”⁷⁹, mas, mesmo “aculturados, permanecem sempre ‘indígenas’ na qualidade de alternos dos ‘brasileiros’”. Proclama que

“o índio é irredutível em sua identificação étnica, tal como ocorre com o cigano ou com o judeu”⁸⁰.

⁷² “Sobre o óbvio”. In: 1979: 18-19.

⁷³ 1995: 250; 202; 260.

⁷⁴ A mais importante e conhecida delas é a Confederação dos Tamoios.

⁷⁵ 1995: 122; 32-33.

⁷⁶ 2022: 66.

⁷⁷ “Não encontra nenhuma base nos fatos a ideia de que os índios, através de processos de aculturação, amadureçam para a civilização” (1995: 145).

⁷⁸ 1986: 424.

⁷⁹ 1986: 444.

⁸⁰ 1995: 145.

Reduzidos, pelo etnocídio, à proporção de um por 25 da população original, a partir deste mínimo este processo se reverteu e contemporaneamente voltou a crescer. Após séculos de extermínio, quando toda a antropologia brasileira e mundial não “esperava por essa mudança afortunada”, a grande novidade “é que vão sobreviver no futuro”.

“A mudança de maior espanto ocorreu com os próprios índios, cuja atitude geral de submissão e humildade está dando lugar, muitas vezes, a uma postura orgulhosa e afirmativa”⁸¹.

Como “povos decapitados”, até a pouco estes indigenatos careciam de “uma intelectualidade que os exprima”⁸². Hoje isto já mudou. O presente despontar é prenhe de magnitudes tais que Raoni, Mário Juruna, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Jaider Esbell, Joênia Wapichana, Sonia Guajajara e Daniel Munduruku, dentre outros, se tornaram “vetores de indigenização da política nacional, antes que de abasileiramento dos índios”⁸³. Hodiernamente, e no horizonte de futuro, o movimento indígena é um ator político cada vez mais relevante no cenário nacional.

Ou seja, a perspectiva indígena recolocou o lugar dos outrora (e ainda) subalternizados, evidenciando o caráter colonialista dos paradigmas cristalizados, de cuja quebra e ruptura Darcy foi um dos pioneiros. Com ousadia, mas alavancado como herdeiro do humanista Rondon e em ampla vivência com os indígenas, DR destoou da antropologia indigenista, como veremos mais abaixo.

A presente ascensão das macroetnias quéchuas, aymaras, maias e mapuches já tem gerado a reversão do modelo de Estado uninacional aqui imposto e o advento do Estado plurinacional em Bolívia e Equador, como Darcy chegou a antecipar. No caso destes grandes montantes demográficos, às vezes majoritários na população dos países em que se encontram, são processos com potenciais transfigurativos de reversão da secular opressão étnica e sua reconversão como povos emergentes⁸⁴.

Outra é a situação, diz Ribeiro, das microetnias no território brasileiro⁸⁵. Aqui a sobrevivência e revigoramento das mesmas pode levar à mudança da concepção de Estado uninacional e ao reconhecimento do caráter multiétnico da sociedade. Mas, todavia, como “são tão poucos”⁸⁶, elas não tem, avalia DR, potência para alterar o destino da macroetnia brasileira, “mas afeta a honra do Brasil”⁸⁷:

“Representando apenas um por mil da população brasileira, os índios são, hoje, quase inexpressivos no conjunto da nação e seus problemas são imponderáveis como problema nacional. Vale dizer, qualquer que seja seu destino, este não afetará a vida nacional; mas significa, também, que as terras que necessitam e a assistência de que carecem lhes podem ser concedidas sem grandes sacrifícios”.⁸⁸

⁸¹ 1995: 144; 328-329; 331.

⁸² “Os índios e nós”. In: 1979: 162.

⁸³ Castro, 2015:12.

⁸⁴ “Eles vivem hoje o trânsito entre sua condição presente de *Povos-Testemunho* e sua condição futura de *Povos-Emergentes*.” (“Etnicidade, indigenato e campesinato”. In: 1979: 188).

⁸⁵ 2022: 77.

⁸⁶ “Os índios e nós”. In: 1979: 158.

⁸⁷ 2015: 102.

⁸⁸ 1986: 196.

Nuestra América.

“Olhando o mundo de hoje, pouca gente duvida que a China voltará a expressar, no ano 2000, a sua civilização milenar dentro da tecnologia mais avançada do mundo. A China era muito mais miserável do que nós. A China tem hoje 1 bilhão de habitantes, tem muito mais gente do que nós e, entretanto, foi possível, porque aí se abandonou aqueles projetos classistas estreitos e se reformulou um projeto nacional. Hoje em dia não entendemos a racionalidade dos chineses, não cabe na nossa racionalidade o que eles fazem. E nós no ano 2000, o que seremos? Seiscentos milhões de latino-americanos miseráveis, outra vez um povo de segunda classe, outra vez um povo neocolonizado?”
(Depoimento gravado no México em 1978. In: 2022: 159).

DR nunca dissocia a fortuna dos brasileiros do amanhã dos demais países latino-americanos. Sua ampla vivência em diversos países da AL o fez compreender que há uma unidade essencial do processo civilizatório brasileiro com o subcontinental. Sua resposta à indagação – “que somos nós entre os povos do mundo, os que não somos a Europa, o Ocidente ou a América original?”⁸⁹ – reatualiza a perspectiva de Bolívar: “não somos europeus, não somos indígenas, somos uma espécie média entre os aborígenes e os espanhóis”.

Até o final de sua vida Darcy compreendeu que o projeto de Bolívar – unir-se numa grande nação, a pátria-grande – deixando de ser povos para outros e assumir as rédeas da atualização histórica, ainda era o melhor para os países da América Latina. Com esta convicção, ao finalizar “O povo brasileiro”, exprime:

“Nosso destino é nos unificarmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América anglo-saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade européia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar”⁹⁰.

⁸⁹ 2007: 76.

⁹⁰ 1995: 448.

3. “Meta-antropologia”.

“Já foi dito que a humanidade corre um tremendo risco porque de repente ela colocou todos os ovos no mesmo cesto. Antigamente não era assim. Se recuarmos 500 anos, temos 20 mil povos diferentes, falando línguas diferentes, cada um era uma alternativa humana. Se fracassassem 19 mil, ainda sobravam mil. Agora não, é tudo o mesmo tacho” (Zarvos, 2007: 143).

Estudos civilizatórios, corpus literário.⁹¹

“As forças homogeneizadoras não são nem fatais, nem tão drasticamente compulsórias como pareciam. Isso se faz visível quando atentamos para duas perspectivas que se abrem a nossa frente. Uma, macroscópica, desvendada pelos chineses; outra, microscópica, vivenciada pelo alçamento das minorias étnicas do mundo inteiro. (...) Creio que uma das descobertas importantes dos últimos anos neste campo é que a evolução humana não implica numa ocidentalização compulsória do homem, como se pensava. As bases materiais da civilização europeia – com as máquinas a vapor e os motores – são potencialidades humanas e não criaturas ocidentais ou cristãs como pareciam. Se não se desenvolvessem na Europa, surgiriam em outro contexto” (1979: 184).

Ao final de sua vida, DR produz sua obra prima, apontada como a última (e o **ápice**⁹²!) das grandes e clássicas interpretações do Brasil: “O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil” (1995). Como vimos, nela reluz um denso e eficaz esquema conceitual meta-antropológico: “transfiguração”, “protocélula cultural”, “revolução tecnológica”, “relações interétnicas”, “macroetnia nacional”, “microetnias”, “proletariado externo”, “modernização reflexa” ...

Estas categorias foram cozinhadas num conjunto de livros que denominou “Estudos de Antropologia da Civilização”: “O processo civilizatório” (1968), “As Américas e a civilização” (1969), “Os brasileiros – teoria do Brasil” (1969), “Os índios e a civilização” (1970), “O Dilema da América Latina” (1971)⁹³. “O povo brasileiro” (1995) completa – e coroa – esta coletânea.

O conjunto dos “Estudos” perfaz uma magistral contribuição cada vez mais ampla e universalmente reconhecida.⁹⁴ Desde seus primeiros volumes, muito se saudou sua original perspectiva não ocidental/eurocêntrica, pioneira dos atuais estudos pós-coloniais.

Nesses estudos, que ele também chamou de “antropologia dialética”, aqueles conceitos foram refinadamente forjados. Longe de querer ser exaustivo, pinçamos o conceito de “**etnia**”, do qual derivam as noções de “minorias étnicas”, “macroetnias”, “etnia hegemônica”, “populações muti-

⁹¹ Me restringirei à sua “obra acadêmica e ensaística”, deixando de examinar sua preciosa produção literária como romancista (“Maíra”, “O mulo”, “A utopia selvagem” e “Migo”), a qual, junto com a acadêmica, lhe alçou à Academia Brasileira de Letras.

Todavia, Darcy dizia que a experiência da ficção, por romper com a camisa de força da objetividade científica, lhe permitia expressar o mundo indígena muito melhor que as centenas de páginas de seus trabalhos acadêmicos, “porque o verossímil é mais verdadeiro que a empiria científica” (2022: 340).

⁹² Benjamin, 2022.

⁹³ Algumas destas obras tem sido perfiladas no rol dos “clássicos do pensamento”, como é o caso de “Os índios e a civilização”, apresentado por João Pacheco de Oliveira no volume 2 da coletânea “Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico” (organizada por Lourenço Dantas Mota).

⁹⁴ Em 1997 (p. 508) registrou que seus “estudos de antropologia da civilização, que formam um conjunto de mais de 2 mil páginas, têm hoje mais de noventa edições em seis línguas”.

étnicas” e outras variações. Etnia será entendida por Darcy como uma “categoria relacional” entre agrupamentos humanos composta mais por “representações recíprocas e lealdades morais do que de especificidades culturais e raciais”⁹⁵. Assim, privilegiando as expressões simbólicas advindas do contato entre grupos humanos, rompe DR com as análises que acentuam as particularidades de sangue e fenotípicas. A ideia de raça é, portanto, recusada⁹⁶, no que seguia as lições de Manoel Bomfim e Gilberto Freyre: eventuais comportamentos bizarros “não vinham da raça, mas da escravidão”⁹⁷.

Vale destacar ainda o conceito de “**transfiguração étnica**”, processo dentro do qual povos surgem, transformam-se e morrem. Esta categoria insere a formação e metamorfose das etnias dentro do amplo pano de fundo das “compulsões de natureza ecológica, biótica, tecnológico-cultural, socioeconômica e ideológica”⁹⁸. Ela se revelou mais que fecunda, especialmente para explicar o fenômeno da sobrevivência dos indígenas brasileiros, o qual apenas se fará evidente a partir dos anos 1970, esclarece Mércio Gomes⁹⁹.

Iniciados no exílio, e buscando uma resposta ao “por que, mais uma vez, a classe dominante nos vencia”¹⁰⁰, os “Estudos” buscaram compreender a formação do Brasil, ou melhor, do seu povo. Para tal, impõe-se discernir os elos que nos ligam ao resto do mundo, e pelos quais somos constituídos, uma vez que somos parte de um todo. E o quadro imediato de que somos parte é a América Latina, quadro continental que compartilhamos e no qual nosso destino comum se joga e decide.

Como cada povo no esforço para se realizar trilha um caminho próprio e único, cabe definir e compreender nosso papel na América e no mundo, encontrar nossas próprias vias de realização de nossas potencialidades e destino¹⁰¹. O brasileiro, e o latino-americano, portanto, “não é explicável nem inteligível como mero europeu de ultramar”. Mas, insistia, faltava ao Brasil uma teoria geral, “uma teoria de nós mesmos (...) que não fosse uma mera reiteração das visões eurocêntricas”¹⁰².

“A necessidade de uma teoria do Brasil, que nos situasse na história humana, me levou à ousadia de propor toda uma teoria da história”¹⁰³.

O que, todavia, era para ser uma “introdução” ao livro “Os brasileiros” acabou se desdobrando nos cinco volumes de “Antropologia da Civilização”. Somente um quarto de século após, e na iminência de morrer, já com o “vendaval do câncer” a lhe comer os pulmões, Darcy, num impulso final, foge do hospital para completar “a maior obsessão intelectual de minha vida”¹⁰⁴. Nos entrega, finalmente, “O povo brasileiro”, obra que culmina e sintetiza sua longa e múltipla trajetória.

⁹⁵ 1986: 446.

⁹⁶ Arruti (1995).

⁹⁷ 1993: 15.

⁹⁸ 1986: 441. Nesta obra, este conceito é definido como

“o processo através do qual as populações tribais que se defrontam com sociedades nacionais preenchem os requisitos necessários à sua persistência como entidades étnicas, mediante sucessivas alterações em seu substrato biológico, em sua cultura e em suas formas de relação com a sociedade envolvente” (p. 13).

⁹⁹ Num momento em que todos apenas tinham “uma visão pessimista sobre o destino dos índios, (...) inesperadamente surge o conceito de transfiguração étnica, pelo qual povos influenciados por culturas mais potentes podem se adaptar e se transmutar, sem perder suas identidades básicas. Assim, Darcy consegue ver a possibilidade de sobrevivência dos povos indígenas, um feito surpreendente” (Gomes, 2000: 72).

¹⁰⁰ 1995: 13.

¹⁰¹ 2015: 241.

¹⁰² 2022: 120.

¹⁰³ 1995: 13.

¹⁰⁴ 1997: 538.

Para explicar o Brasil, Ribeiro concebeu, assim, uma visão panorâmica e não eurocêntrica da história humana (cujo núcleo central agora apresentaremos uma síntese) sem se aprisionar nos esquemas evolucionistas lineares.

“Ao contrário do que geralmente se imagina, as sociedades humanas não evoluem passo-a-passo, como se ascendessem por uma mesma escada progressiva. Em consequência, não há nações avançadas configurando o que seja o futuro das retrógradas. Nem nações atrasadas repetindo passos passados das adiantadas. Umas e outras formam configurações contemporâneas de povos interdependentes dentro da civilização a que pertencem”.¹⁰⁵

O conceito reitor que guia os processos civilizatórios é o de “**revolução tecnológica**”, prodigiosas transformações das forças humanas “sobre a natureza, ou de ação bélica” a qual desencadeia alterações nos modos como os grupos humanos proveem sua subsistência e organizam a vida social. Como as sociedades “não existem isoladamente, mas em permanente interação umas com as outras”, sua história é regida pelo “desenvolvimento acumulativo da tecnologia produtiva e militar”¹⁰⁶, difundida seja por criatividade interna, seja por compulsão externa, **transfigurando** assim o curso evolutivo das mesmas.

Postula Darcy que uma revolução tecnológica se propaga sobre contextos socioculturais distintos de dois modos, os quais definem as duas vias de inserção das sociedades ao curso da dinâmica civilizatória: o da “**aceleração evolutiva**” – pelo qual “os povos que vivem para si mesmos” dominam autonomamente a nova tecnologia, “renovam seu sistema produtivo e reformam suas instituições sociais”. A outra via é por “**atualização ou incorporação histórica**”, em que povos tecnologicamente inferiores são subjugados e engajados compulsoriamente como **proletariado externo** nos novos patamares produtivos, “com perda de sua autonomia ou mesmo com sua destruição como entidade étnica”¹⁰⁷.

As formas como as sociedades adentram nas revoluções tecnológicas não estão pré-determinadas: cada povo a ela se integra conforme suas particularidades ecológicas, culturais e capacidades políticas, o que profere um “colorido”¹⁰⁸ de resultantes históricas.

Ainda que a base tecnológica imprima uma dinâmica universal comum, ela “não exclui a possibilidade de atuação de outras forças dinâmicas” dadas pelos sistemas sociais e ideológicos de cada sociedade, os quais agem como forças diversificadoras, condicionando o progresso tecnológico, “acelerando-o ou retardando-o”, fecundando-o ou limitando-o¹⁰⁹. A depender destas capacidades, alguns povos serão o centro expansivo das novas forças produtivas e bélicas, outros serão por elas recolonizados.

Conferindo inteligibilidade à história, e compatível com as contribuições arqueológicas de então, o marco conceitual darcyano incorpora, portanto, o ser humano como agente ordenador da evolução histórica, rompendo assim tanto com o evolucionismo clássico e etapista, quanto com o estruturalismo funcionalista dominantes – “duas estreitezas”.

Por fim, ao se debruçar sobre como os povos americanos experienciaram o processo civilizatório, Darcy cunhou uma tipologia étnico-nacional de quatro configurações históricas com abrangência universal:

Povos testemunho (os remanescentes modernos de antigas civilizações – astecas, incas), que, por carregar “duas heranças culturais imiscíveis, (...) vivem o drama da ambiguidade de povos situados entre dois mundos culturais contrapostos, sem poder optar por nenhum deles”¹¹⁰;

¹⁰⁵ 2015: 55.

¹⁰⁶ 1987: 34; 38-39.

¹⁰⁷ 1987: 34; 55-56.

¹⁰⁸ 1987: 36.

¹⁰⁹ 1987: 39-40.

¹¹⁰ 2015: 112-114.

povos novos (os plasmados pela fusão e deculturação de matrizes indígenas, negras e europeias);

povos transplantados (resultantes da migração para o ultramar de grandes contingentes europeus, preservando o perfil étnico, língua e cultura originais)¹¹¹;

e **povos emergentes** (correspondem as novas nações que surgem na África e Ásia que, no curso da descolonização, ascendem de um nível tribal para o de sociedades nacionais. Esta categoria ainda “não surgiu na América”, mas é de supor que as populações indígenas remanescentes das altas civilizações americanas no “próximo milênio se ergam”¹¹²).

O Brasil nos ciclos civilizatórios.

“Somos e nos vemos como parte da civilização ocidental. Alternos das civilizações orientais como a indiana, a chinesa ou a japonesa. Mas bem sabemos que somos um subúrbio dela, mais distante e diferenciado dos seus orgulhosos núcleos cêntricos do que os soviéticos, além de imensamente menos importantes. Pouca ou nenhuma consciência temos, ainda, de que sobre nossos ombros recairá, em grande parte, a tarefa de criar uma nova ocidentalidade que seja, pela primeira vez, uma civilização humana respeitável” (Kozel; Silva: 2022: 235).

“O reencontro da Antropologia com a História”¹¹³ em DR projeta-o para longe das posições essencialistas que proclamam haver traços definitivos no caráter do brasileiro. Do mesmo modo que anunciou Renan ser “a nação uma escolha diária”, entende Ribeiro que o fazimento do Brasil é permanente e contínuo, que nosso destino não é inelutável.

Assim, com precisão Darcy mostrou o impacto sobre o nosso processo de transfiguração étnica das revoluções agrária e industrial, as quais experimentamos numa condição subalterna e colonial. Se a agrário-mercantil “promoveu uma extraordinária prosperidade”, a revolução industrial “inviabilizou a escravidão (...) e nos tornou muito mais eficazes, não para nós mas para o exercício de provedores no mercado mundial”. Nos três séculos em que transcorreram o primeiro passo, se “moeu e fundiu as matrizes originais indígena, negra e européia em uma entidade étnica nova”¹¹⁴.

No segundo passo, quando alcançados há dois séculos pela Revolução Industrial, fomos incapazes de nos “incorporar autonomamente a ela por um salto evolutivo”¹¹⁵. Nos deixamos avassalar através da via da industrialização substitutiva de importações, que nos tornou uma “versão neocolonial da civilização industrial”¹¹⁶. A adoção das tecnologias mecanizadas poupadoras de mão-de-obra fez-se descartando grandes parcelas do trabalhador brasileiro. Todavia, manteve e deu continuidade à nossa transfiguração étnica, integrando nosso povo-novo nos estilos de vida industriais.

¹¹¹ Salienta a situação especial “da Argentina e do Uruguai que, tendo sido conformados como povos novos, que conquistaram seus territórios e os levaram até a independência, foram depois avassalados por imensa onda gringa que os transfigurou, fazendo-os mais parecidos com os povos transplantados que com sua matriz original de povos novos” (1997: 505).

¹¹² 2007: 87. Em “Etnicidade, indigenato e campesinato”, Darcy aponta que os povos testemunho “prefiguram o que serão no futuro”. Seu destino é o de refazer-se a partir do que são, segundo seu próprio projeto de si mesmos, no curso das próximas décadas. Um dia, que não está longe, eles serão as formas alternativas da europeia, de realização das potencialidades da civilização futura! (1979: 188).

¹¹³ Carvalho 1986: 176.

¹¹⁴ 1995: 260.

¹¹⁵ 2015: 22.

¹¹⁶ 1995: 260.

Neste curso, nosso processo de transfiguração agora se renova, envolvidos que somos pela nova revolução tecnológica, precocemente diagnosticada por DR na virada dos anos 1960/70 como “termonuclear”¹¹⁷. A civilização emergente transfigurarão todos os povos, pois tudo refazerá, convulsionando a vida e os valores em todo o mundo. Que Brasil resultará destas novas convulsões? Sobreviveremos como nação? As respostas dependem do nosso modo de ajustamento ao novo ciclo do processo civilizatório, se pela via da aceleração evolutiva ou pela atualização histórica, na qual, reflexamente modernizados, continuaremos a servir como proletariados externos. Neste caso,

“Se, outra vez, nos limitarmos ao papel subalterno de meros consumidores de seus frutos, veremos repetir-se o desastre que foi nossa inserção na civilização industrial, que só nos permitiu um desempenho medíocre dentro do mundo moderno”.¹¹⁸

As “forças transformadoras da nova civilização – mais poderosas que qualquer outra que a humanidade tenha experimentado – não podem ser contidas e concatenadas pelos procedimentos tradicionais”. Somente desfrutarão plenamente das potencialidades das novas formas de fazer, associar, sentir, crer, pensar e criar da civilização emergente os povos que não “se agarrarem a passados obsoletos”¹¹⁹. Tampouco cabe abrir-se a elas “passivamente, porque assim colocaríamos em risco a própria soberania e a unidade nacional do povo brasileiro”.

Diante delas, portanto, é preciso afirmar “o primado do nacional sobre o internacional, e do social sobre o individual”. Ou seja: é vital “definir nosso programa alternativo de desenvolvimento autônomo e autossustentável pela exploração exaustiva de **nossas potencialidades**”¹²⁰ (grifo nosso). Mas,

“não se trata de criar aqui nenhuma economia autárquica, mesmo porque nascemos no mercado mundial e só nele sobreviveremos. Trata-se de deixar de ser um reles proletariado externo para ser um povo que exista para si mesmo, ocupado primordialmente em promover sua própria felicidade”¹²¹.

O caminho que Darcy visualiza para cumprir este desiderato não é fácil nem largo. Se, por um lado, a integração no mercado “é imperativa, porque isolar-se dele importaria num retrocesso”, por outro não podemos “abdicar de nossa soberania” e a ele “nos submeter, submissos”¹²². A possibilidade de um “salto evolutivo à condição de economia autônoma”, que não se modernize apenas reflexamente, passa por uma ampla coalizão internacional onde, associados “a outros povos explorados”¹²³, se construa uma nova ordem econômica mundial.

¹¹⁷ Na época o mundo eletrônico e computacional operava com transístores e válvulas ...

¹¹⁸ 2015: 27.

¹¹⁹ 2015: 27.

¹²⁰ 2015: 28.

¹²¹ 2015: 218.

¹²² “O Brasil em causa”. In: 2015: 57-58.

¹²³ “O Brasil como problema. In: 2015: 49.

A educação e universidade necessárias, e controversas (tribais)¹²⁴.

“O grande feito que nós, brasileiros, podemos ostentar diante do mundo como único, é a façanha educacional da nossa classe dominante. Esta é realmente extraordinária! E por isso é que eu não concordo com aqueles que, olhando a educação, falam de fracasso brasileiro no esforço por universalizar o ensino. Eu acho que não houve fracasso algum nesta matéria, mesmo porque o principal requisito de sobrevivência e de hegemonia da classe dominante que temos era precisamente manter o povo chucro.”¹²⁵

“O livro é o tijolo com que se constrói o espírito” (2022: 312).

Dentre aquelas potencialidades acima, Darcy realça nossa conhecida criatividade nas artes populares. Ora, “algumas das novas alterações transfigurativas servem de base a grandes esperanças”: como a base da mesma é a expansão da “civilização letrada” e “novos sistemas de intercomunicação cultural”, isto “significa que a criatividade popular não se fará exclusivamente no nível do futebol, da música e outros valores”¹²⁶.

Para que este potencial criativo popular se exponencie com o advento da última revolução tecnológica, a educação é o caminho. O principal acelerador da história de um povo consiste em dominar o saber humano e colocá-lo a serviço do desenvolvimento nacional. Nesta tarefa de promover a aceleração evolutiva, dar “para todas as crianças a escola primária, universal e gratuita que o mundo criou” é uma das principais chaves. Esta visão o levou a implantar, talvez, “o maior projeto de escola pública do Brasil contemporâneo”, os Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs¹²⁷, defende Cesar Benjamim.

A outra é a reforma da universidade. “Universidade para que?”¹²⁸ Ora, se “o acelerador da história é o saber”¹²⁹, a “universidade necessária”, imbuída da missão de “pensar o Brasil como problema”¹³⁰, é aquela que, “leal aos padrões internacionais do saber” e nos capacitando a

¹²⁴ Não nos reportaremos à polêmica e decisiva participação de DR, como senador, na construção e aprovação da LDB, nem resgataremos o modelo que propõe para a universidade, exposto especialmente em “A universidade necessária”, em que pese sua riqueza e atualidade.

¹²⁵ “Sobre o óbvio”. In: 1979: 19.

¹²⁶ 1995: 264. “A primeira necessidade cultural do país é potencializar o país. No dia em que se der a todos os brasileiros um curso de primeiro grau completo, vamos ter uma criatividade multiplicada. Vamos ter dez vezes mais Oscar Niemeyer e Villa Lobos, porque o domínio do instrumento erudito é indispensável para que a criatividade se realize. Nossa criatividade prodigiosa se dá em um nível pré-letrado. Temos a festa mais fantástica da Terra. Esse vigor brasileiro do carnaval, lemanjá. Por que o brasileiro, sofrendo fome, miséria, opressão é capaz da alegria do carnaval e os alemães são tão tristes e os suecos tão bem alimentados se suicidam? O que ocorre aqui? O que dá a esse povo esse vigor? Explode de criatividade, formas, músicas, ritmos, alegria de viver. No dia em que essa gente estiver armada do instrumento erudito vai ser muito maior” (Zarvos, 2007: 150).

¹²⁷ “Onde a criança entra e toma café da manhã, almoço, janta, estuda, faz esporte, depois toma banho e volta para casa. (...) A tarefa mais difícil da implantação dos CIEPS foi a preparação de milhares de professoras em cursos intensivos para se capacitarem a exercer o magistério em escolas de dia completo” (1997: 476).

Uma avaliação crítica das razões que levaram este arrojado programa ao colapso e descontinuidade encontramos em Candido Alberto Gomes (2010). Gomes destaca a identificação dos CIEPS como demasiadamente ideologizada e partidarizada (ficaram conhecidos como “Brizolões”); sua fragilidade política e institucional pois dependente do voluntarismo e gestão centralizada, a qual se impôs face ao caráter de urgência adotado para implantá-lo em tempos curtos, tornando-o desencravado da burocracia tradicional (que kafkianamente o digeriu ...).

¹²⁸ Título do discurso proferido na posse de Cristovam Buarque como reitor da UnB em 1985.

¹²⁹ 2015: 238.

¹³⁰ 2015: 224.

dominar o conhecimento humano, enfrente a guerra contra o atraso e ajude o povo brasileiro a realizar seu destino. A universidade está, pois, no centro da utopia darcyana como instituição que viabiliza ancorar as inelutáveis dinâmicas civilizatórias com as urgentes mudanças de nossa sociedade.

Inúmeras vezes DR recusou-se a aceitar a “universidade de mentira”¹³¹, alienada, em que acadêmicos perdem tempo pesquisando temas cada vez mais particulares e irrelevantes... Questionou ironicamente “a praga da macaqueação”, aquela onde “cavalos-de-santo”, compostos pelos que buscam uma “rápida carreira acadêmica” e, “dissuadidos de estudar qualquer tema socialmente relevante”, tornaram-se “porta-vozes de prestigiosos mestres estrangeiros”, com alguns alcançando “o virtuosismo de ventríloquos”, apenas “a ruminar todo pensamento já pensado”¹³².

“Até supostos marxistas entram na dança produzindo uma literatura marxológica de perfeita assepsia revolucionária. Uns, ao compasso althusseriano, convertem o marxismo numa escolástica exegetica ...”¹³³.

Esta postura combativa lhe trouxe muitos dissabores, especialmente junto à sua comunidade de origem, os antropólogos. Recorrentemente Ribeiro denunciou uma “etnologia aparentemente científica” que, “estudando parentescos, mitologias ou colecionando artefatos” e outras “bizarrices etnográficas”, tinha “total descaso pelo trágico destino dos índios”¹³⁴. Com a alegoria da “teoria do bombardeio de Berlim”, Darcy proferiu, numa épica entrevista, uma ácida crítica aos “antropólogos infiéis aos povos que estudam”: “desinteressados pelo índio como destino” acabam tornando-se “gigolôs de índios”¹³⁵. Acusou-os de parecerem inscientes de que os índios estão debaixo de circunstâncias ainda piores que os vividos pela população de Berlim ao final da Segunda Grande Guerra¹³⁶. Como era de se esperar, tais críticas lhe geraram um profundo isolamento e ruptura com a comunidade antropológica brasileira¹³⁷ ...

¹³¹ Onde “a ciência é uma atitude charlatanesca, de gente que escreve discursos uns para os outros, com a finalidade de fazer sua carreirinha, e o compromisso com a verdade é muito mais formal que verdadeiro” (1979a: 95).

¹³² “Três pragas acadêmicas”. In: 1979: 261.

¹³³ “Três pragas acadêmicas”. In: 1979: 263.

¹³⁴ 2022: 64-65.

¹³⁵ 1979a: 90; 98.

¹³⁶ “O objetivismo cientificista é tão burro para com o índio, é como se alguém decidisse estudar em 1945 a forma da família alemã e a moral alemã em Berlim. Em Berlim, 1945, debaixo das bombas, destruída dia e noite, não havia condição nenhuma de se estudar a forma nem a moral da família alemã. Debaixo daqueles bombardeios não havia instituição social, ou nenhuma moral, que se pudesse manter. Os índios brasileiros estão vivendo como quem se encontra debaixo de um bombardeio. (...) Considerar que os costumes que se observam agora são os costumes tradicionais, sem se interessar pelo destino, a condição de vivência, a opressão que está sofrendo, é também uma atitude anticientífica” (1979a, p.95).

¹³⁷ Talvez seguindo a lição darcyana, a antropologia brasileira a partir dos anos 1980 adentrou numa postura mais engajada e comprometida com o destino das etnias índias, inclusive agora com uma nova geração de antropólogos de origem indígena, como Gersen Baniwa.

4. Utopia selvagem.

“Se não temos utopias, se não temos capacidade de imaginar um futuro melhor conforme nossa realidade, estamos rendendo-nos à perda de nosso futuro, o nosso, e estamos aceitando um futuro imposto. Se o passado nos foi imposto, não podemos aceitar que o futuro também nos seja imposto” (Guillermo Bonfil Batalla).

A Amazônia, “o maior desafio que o Brasil já enfrentou”, é uma excelente tradução daquele potencial brasileiro que Darcy descortina. A “loucura ecológica” de ocupar a Amazônia “matando a mata” e eliminando populações indígenas chamou a “atenção do mundo”¹³⁸. Este reposicionamento geopolítico da Amazônia, nítido pelo menos desde o assassinato de Chico Mendes, decorre da mutação da relação do ser humano com a Terra, a qual foi assim expressa por DR:

“Ultimamente, viemos todos tomando consciência de que o mundo é um único ecossistema interativo. Nele, terras e mares, ilhas e continentes, florestas e desertos, com suas floras e faunas, se integram numa interdependência simbiótica em que todos e cada um dependem de todos e de cada um. Neste complexo vital, a imensa Amazônia se destaca, assinaladamente, como pedaço grande e precioso de nosso nicho, o planeta Terra, berço de todos os homens”.¹³⁹

Aqui ele pontuou que, sem diagnosticar o entrelaçamento predatório da economia mundial com as florestas tropicais, o “mundo dos ricos” nos acusa de sermos

“incapazes de preservar uma natureza valiosíssima para toda a humanidade. (...) A preservação da floresta amazônica, como parte substancial do patrimônio natural de toda a humanidade, é uma tarefa coletiva para a qual todos podem colaborar. O inaceitável é a insensatez de fazer dessa salvação um logro espoliativo. **O desafio que o Brasil enfrenta nesse campo é o de criar uma civilização tropical**, realizando as infinitas potencialidades energéticas e produtivas da floresta amazônica. Nisso é que o BNDES deveria concentrar seus recursos e sua equipe ...” (grifo nosso)¹⁴⁰.

O Brasil,

“que fracassou frente à civilização industrial, tem que ousar no pensamento e na ação”. Hoje “é a história que nos bate à porta. (...) Conforme a conduta que tivermos, seremos amanhã uma nação independente e próspera dentro da futura civilização, ou iremos amargar o papel subalterno e servil de um novo proletariado externo”¹⁴¹.

Com clareza, repetia que um país do tamanho do Brasil, com

“40% dos trópicos úmidos do planeta, tem o dever e a necessidade de dominar as equações tecnológicas fundamentais e adequadas ao seu programa de desenvolvimento autônomo. (...) [Temos] não só a possibilidade concreta, mas também a missão histórica de fazer-se uma sociedade vanguardeira”.¹⁴²

Os recentes desdobramentos da atual revolução tecnológica levam cada vez mais a muitos¹⁴³ anunciar, assim como Darcy, que o Brasil tem vitalidade para estar na vanguarda da humanidade nesta grande transição tectônica imposta para corrigir o desajuste entre a sociedade humana e o planeta. A virulência deste desajuste é a ameaça central para a

¹³⁸ “A Amazônia e seus povos”. In: 2015: 130-132.

¹³⁹ “A Amazônia e seus povos”. In: 2015: 133.

¹⁴⁰ 2015: 25.

¹⁴¹ “O Brasil no mundo”. In: 2015: 29.

¹⁴² “O Brasil em causa”. In: 2015: 56-57.

¹⁴³ Entre os economistas brasileiros contemporâneos, destacamos Giannetti da Fonseca (“Trópicos utópicos”, 2016) e Jorge Caldeira (“Brasil: paraíso restaurável”, 2020),

sobrevivência de nossa espécie. Enfrentá-lo vem impulsionando o advento de um outro padrão técnico de baixo carbono que busca induzir uma descompressão sobre o sistema Terra, conjugado com um modo de organização societário que, reduzindo a abissal desigualdade, alavanque a expansividade criativa e intensifique a alegria de viver.

Ainda que plenamente sintonizada com os tempos antropocênicos que regem o século XXI, uma “utopia ecológica” pode parecer, para alguns, ilegítima e contraditória diante do marco interpretativo da história cunhado por Darcy forjado em torno da potência imperativa da tecnologia.

Primeiramente, cabe contrapor que DR não chegou a identificar a revolução tecnológico-energética de baixo carbono hoje em curso que, progressivamente, vem superando o padrão fóssil que ergueu as revoluções industriais conhecidas. Como é obvio, o novo paradigma energético imbrica-se, metabolicamente, com a visão ecológica de modelar a sociedade. De qualquer forma, o mais importante é que, como visto acima (na apresentação dos “estudos civilizatórios”), o modelo civilizatório de Ribeiro enquadra o imperativo do impulso tecnológico de modo não teleológico ou mecanicista: se ele nos dita um “destino comum”, não age, todavia, como uma “força homogeneizadora nem fatalista”¹⁴⁴.

Recapitulando: na sua obra mestra, “O processo civilizatório”, o sistema tecnológico se apresenta conectado com os sistemas sociais e ideológicos de cada sociedade, adaptando-se diferencialmente conforme as culturas. Aqueles povos que dele se apropriarem soberanamente, “evoluirão por processos de aceleração”, podendo haver distintas civilizações para um mesmo patamar tecnológico. Os processos civilizatórios sempre operaram simultaneamente dinâmicas de homogeneização e diversificação, mas, modernamente, as forças homogeneizadoras prevaleceram com a expansão global da formação social europeia ensejada pela Revolução Industrial nela ocorrida. Contemporaneamente está chegando “ao fim tanto o velho processo de integração por europeização, como também o de uniformização compulsória por deculturação”¹⁴⁵.

Portanto, “a evolução humana não implica numa ocidentalização compulsória do homem”, ou seja: como a modernidade não é una, mas múltipla, despontam na contemporaneidade outras expressões civilizatórias que estão reduzindo a Europa “ao minúsculo promontório asiático reclinado sobre a África que ela é”¹⁴⁶.

Coerente com seu “processo civilizatório” desprovido de caráter economicista, ao final de sua obra Darcy explicitou que, após “compor toda uma vasta teoria da história (...) devo confessar que as grandes sequências históricas, únicas e irrepetíveis, em essência são inexplicáveis”¹⁴⁷. Darcy, ao apontar a existência de tendências no processo histórico, nunca afirmou que o mesmo fosse predeterminado por leis, as quais ele nunca indicou ou prenunciou existirem, o que tornaria as pessoas meros autômatos desprovidos de liberdade. Como ele mesmo percebeu, este também é o núcleo ontológico do método freyreano:

“A teoria subjacente da obra de GF parece ser a da causação circular (...). A ideia básica aqui é a de que, como tudo pode chegar a ser, em dadas circunstâncias, a causa de qualquer coisa, não há na verdade nenhuma causa suficiente de nada”¹⁴⁸.

São muitos¹⁴⁹ os que hoje se juntam a Darcy e Freyre na ruptura com os esquemas etapistas e mecanicistas do processo histórico, distanciando-se assim da arrogância humana que imperou na vertente hegemônica do iluminismo europeu. Se sabemos que até as leis da natureza possuem um caráter aproximativo e “não são absolutamente certas”¹⁵⁰, é cada vez mais

¹⁴⁴ 1979: 41; 184.

¹⁴⁵ 1979: 185.

¹⁴⁶ 1979: 184-185.

¹⁴⁷ 1995: 269.

¹⁴⁸ 1979: 78.

¹⁴⁹ Entre tantos, destacamos, pela extrema afinidade com os trabalhos de Darcy, apenas aos Davids Graeber e Wengrow (2022), cuja recente, mas já muito reconhecida, obra não o cita ...

¹⁵⁰ Sagan, 1996: 41.

irrazoável se deixar aprisionar pela armadilha mecanicista que expropriou dos seres humanos a condição de sujeito. Assim, reconhecem que a única coisa certa é que o futuro é incerto e imprevisível, devolvendo nossa plena humanidade, ancorada na capacidade de escolher entre alternativas e mudar nossa realidade. Os humanos tanto são “agentes quanto pacientes”, “protagonistas e vítimas” dos processos históricos¹⁵¹. Existem dilemas e escolhas: cada geração faz as suas, e, assim, edifica novos mundos.

“Falo de civilização autônoma, sem nenhuma pretensão de poderio autárquico. Bem sei que este é um mundo só de nações interdependentes. Mas sei, também, que as há autônomas, como também as há dependentes. Nós brasileiros podemos optar pela autonomia e pela singularidade, em razão de nossa dimensão continental e da condição de maior das províncias neolatinas”¹⁵².

O último capítulo de “O processo civilizatório”, dedicado a desvendar as premissas consequências sobre as sociedades futuras do surgimento da “revolução termonuclear e eletrônica”, é encerrado com Darcy examinando os prognósticos futurísticos de Tocqueville e Marx. O primeiro, conclui, mostra-se “apreensivo” com um futuro regido por “tendências despersonalizadoras e despóticas”. Já o segundo, ao contrário, prefigurou “otimismo” pois anteviu a prosperidade como uma “liberação de todas as potencialidades humanas”. Arremata então, escancarando o grande dilema civilizatório, que

“O futuro imediato das sociedades mais avançadas será o de Tocqueville ou o de Marx, conforme se desenvolvam as virtualidades de despotismo ou de liberdade de que estão prenhes”¹⁵³.

Por fim, cabe dizer que DR discerniu com clarividência que no novo ciclo onde adentra a civilização vamos nos tornando “criaturas de nós mesmos”, antecipando o advento do transumano. E, em diversas oportunidades, Darcy expressou preocupações com o futuro onde o humano será modelado pelo controle científico cada vez maior sobre os processos vitais. Nas vezes que apresentou sua visão prospectiva do ser humano, como nos artigos “Venutopias 2003”¹⁵⁴ e “O abominável homem novo”¹⁵⁵, considerou a possibilidade de suceder um tipo de transumano projetado, programado, prescrito e mecanizado: “e ele nos assusta”¹⁵⁶, revela.

Também quando trouxe um estudo prospectivo sobre a Suíça¹⁵⁷, Ribeiro comparou os helvéticos com os xinguanos, mostrando que ambos são “um conglomerado de gentes que, sem necessidade de teorias do Estado, aprenderam a conviver uns com os outros”. Seus *modus vivendi*, onde povos distintos “cercados de poderosos vizinhos” se aprestam “para viver em paz” e coexistem sem “formas opressivas de convivência”, são “pertencentes à civilização do futuro”.

“O fundamento da Liga Xinguana e da Confederação Helvética é o cimento cívico-étnico que funde as maiores forças de vinculação de comunidades humanas”.

O feito dos cantões suíços de abandonar

“quaisquer pretensões hegemônicas a fim de criarem coletivamente o espaço político institucional comum é uma façanha tão inverossímil que seria incrível e até impensável se a história não a tivesse gestado. Entretanto, como também os xinguanos o

¹⁵¹ 1979: 31.

¹⁵² 2015: 21.

¹⁵³ 1987: 193-194.

¹⁵⁴ Fruto do convite dos venezuelanos, em 1973, para escrever sobre os próximos 30 anos da Venezuela.

¹⁵⁵ Escrito em 1972 a convite de um jornalista italiano, que indagou a intelectuais de diversos países sobre como seria o homem do futuro.

¹⁵⁶ 1979: 30.

¹⁵⁷ Ao comemorarem 700 anos de vida, a Suíça convidou, em 1992, dez intelectuais dos diversos continentes para expressarem o que pensavam deles. Um foi Darcy.

alcançaram, devemos convir que esse é um caminho viável, ainda que muito raro e até espantoso”.¹⁵⁸

Assim, face ao transumano sintético, Darcy escolheu contrapor uma “utopia estética”, e para tal há que se “inspirar nos índios”. Formula então sua “utopia selvagem”: guiado pela vontade de beleza e com acesso ao saber acumulado da humanidade, Darcy visualiza um ser humano que satisfaz o “profundo desejo humano de uma existência pastoril”¹⁵⁹.

Na utopia darcyana da “existência pastoril”, conforme apresentada aos venezuelanos em 1973, os humanos estão “dispersos na imensidade de uma floresta tropical”, e organizam sua vida não mais regidos por propósitos utilitários, mas pela busca do que “embeleza, dignifica e gratifica”. Esta tradução societária do potencial humano é a contribuição dos morenos povos tropicais latino-americanos, tendo o Brasil aqui um papel primordial para adentrar nesta direção.

Futuricidade.

“Forças internas e externas mancomunadas perseguem, violentam, torturam, censuram e trucidam aos melhores e mais lúcidos de nós. Mas, continuamos combatendo e na luta encontramos a substância e a identidade que buscávamos. Somos hoje os povos que se armam com projetos de si mesmos, como povos que querem existir para si próprios. Somos os que faremos as revoluções postergadas. Somos os que cremos e atuamos. Somos os que não temos passado. Temos futuro” (1979: 37).

Um povo tristonho, sem autoestima, que se deprecia achando-se inferior, inapto para o progresso e de uma “fealdade inata”, torna-se um povo terminal, perdido, sem um *elã* vital, sem chamadas capazes de incandescer as gerações presentes e futuras. Todos os povos para sobreviverem e se superarem carecem de um sentimento de dignidade, de um objetivo, de um sentido de missão, de sonhos¹⁶⁰.

Como é sabido, “as nações se desenvolvem criando, além da riqueza, mitos”¹⁶¹, em geral mitos de origem. Com Gilberto “o Brasil ganha um passado”¹⁶². Todavia, Freyre quase não fala de futuro, pois “escreve contra o seu tempo”¹⁶³, resistindo à modernidade e seu ímpeto desenvolvimentista, uma vez que a expansão capitalista, com sua racionalidade instrumental e moral vitoriana, erodirá as bases do patriarcalismo brasileiro.

Darcy, ao contrário, sem lamentos sentimentais, compreendeu que Povos Novos não têm apegos nostálgicos, pois são povos em fazimento, “uma espécie de povos tábua rasa, deserdados”. Assim, formulou que “desapegados de passados sem glória nem grandeza, eles só têm futuro. Sua façanha não está no passado, mas no porvir”¹⁶⁴. Com a clareza de que “estamos abertos é para o futuro”¹⁶⁵, e retomando seu vislumbre do amanhecer da “América morena”¹⁶⁶, Ribeiro nos dota de um mito fundamental (sem o qual os povos não subsistem, sem o qual nosso fazimento não se completa), um mito de futuro, esculpido nas últimas linhas de “O povo brasileiro”:

¹⁵⁸ “A Suíça e a suicidade”. In: 2015: 136-139.

¹⁵⁹ 1979: 47.

¹⁶⁰ Eduardo Giannetti vem enfatizando que “a lógica sozinha não move: a criação do novo exige sonho” (2016: 170). Segue na linha schumpeteriana, mesmo sem citar Schumpeter, sobre o sonho como impulsionador da inovação e da ação empresarial.

¹⁶¹ Cardoso, 2013: 65.

¹⁶² Reis 2007: 81.

¹⁶³ Araújo, 2009: 205.

¹⁶⁴ 2022: 136.

¹⁶⁵ 1995: 448.

¹⁶⁶ 2007: 78.

“Somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso autossustentado. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra”¹⁶⁷.

Epílogo.

“Darcy anuncia a civilização brasileira. Nesse sentido, creio que ele fecha esse grande ciclo de reinterpretação do Brasil propondo um lugar para o Brasil no mundo. Completa-se, assim, uma certa ideia de Brasil. Esse esforço que nos conduziu a formar uma ideia de Brasil é um esforço decisivo para nossa história. Se nós não tivermos uma ideia de Brasil, não temos pelo que lutar; sem isso, o Brasil não tem significado, não tem sentido e não tem proposta e, então, não tem por que existir também. Darcy foi aquele que fechou essa ideia de Brasil, colocando a carne e a alma do país na nossa frente, que é o conceito de povo brasileiro. É um conceito que não podemos perder. Se perdermos esse conceito, o Brasil não tem sentido” (Benjamin, 2022).

Diante de um mundo onde “milhões de netos de Lênin engordam e esperam a guerra do fim do mundo”¹⁶⁸ – premonitório? – a utopia tropical darcyana não se apresenta como um vislumbre obsoleto, pelo contrário, revela-se mais que madura e exigida para o enfrentamento dos dilemas do Antropoceno deste século XXI. A potência do seu vaticínio não resulta de mera futurologia à lá Nostradamus, mas deriva do sólido ancoramento em denso modelo teórico e de uma profunda vivência transcivilizatória.

Parte deste ancoramento é que sua obra, mormente “O povo brasileiro”, desponta como culminância de toda uma geração que se dedicou a “pensar o Brasil”. Como vimos, aliás, esta é a tese de Cesar Benjamin, retomada na síntese mais-que-perfeita exposta no epígrafe acima. Se já registramos o permanente diálogo com Gilberto, seu não revelado terceiro *alter ego*, bem como o comparecimento de Capistrano e Bomfim, nela também é nítida, e explícita, a presença de Euclides da Cunha, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Simonsen, Celso Furtado, Florestan Fernandes e Antonio Cândido, especialmente, os quais estão meticulosamente costurados e conjugados.

Como igualmente demonstramos, os caminhos que Darcy trilhou ao longo de sua vida dedicada a entender o Brasil também se ancoram em um horizonte que nunca se limitou ao da “questão nacional”. Ao invés de ficar provincianamente restrito à vida interna nacional, sua busca por explicar o Brasil se funda numa análise do processo civilizatório, conjugando a nação com sua inserção econômico-histórica universal. Isto confere à sua obra uma extrema atualidade e vigor, pois, dentro do enredado mundo globalizado cada vez mais consolidado, um projeto puramente nacional-desenvolvimentista tem escassas possibilidades de êxito.

Tanto o isolamento quanto o ultraliberalismo são suicidas, ambos não propiciam superar o subdesenvolvimento e generalizar a prosperidade a todos os brasileiros. Assim como a América do Norte e a Austrália, temos, recomendava Darcy, como economias situadas no mercado, de saber “tirar proveito do capitalismo”. Se não somos como eles “meros transplantes sensaborões da Europa”, reunimos “condições de repetir a façanha graças à nossa disponibilidade de recursos naturais, terras agriculturáveis e mão de obra qualificada”¹⁶⁹.

¹⁶⁷ 1995: 449.

¹⁶⁸ 1979: 34. Estas palavras foram escritas há exatos 50 anos.

¹⁶⁹ “O Brasil como problema”, in: 2015: 48.

É esta densidade conceitual e amplitude de visão que alavanca sua obra-testamento, “O povo brasileiro” – sua “declaração de amor maior pelo Brasil”¹⁷⁰ – alçando-o como um dos clássicos do panteão nacional. “Grandes clássicos” são aqueles que, mais que respostas do passado, não se intimidam diante da missão vital de reinventar outro futuro que plenifique os potenciais incubados na longa história do nosso sofrido povo-nação, produzindo assim a revolução necessária. E isto seu magistral e lúcido painel nos brinda.

Referências bibliográficas.

- Abranches, Sérgio (2017). *A era do imprevisto. A grande transição do século XXI*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Araújo, Ricardo Benzaquen (2009). “**Chuvas de verão. ‘antagonismos em equilíbrio’ em Casa-Grande & senzala**”. In: Botelho; Schwarcz (org.). *Um enigma chamado Brasil*. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Cia. das Letras.
- Arruti, J. Mauricio (1995) “O pecado colonial e o recalque da mestiçagem”. In: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/mais/historia/zumbi33.htm>
- ____ (2000). “**Sobre O processo civilizatório de Darcy Ribeiro. Guia de leitura**”. In: *O Processo civilizatório*. Petrópolis: Vozes (p. 238-343).
- Benjamin, Cesar (2022). *Darcy Ribeiro e os intérpretes do Brasil*. In: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/617188-da-realidade-colonizada-uma-outra-completamente-nova-alegre-e-tropical-o-legado-de-darcy-ribeiro-na-constituicao-do-brasil-entrevista-especial-com-cesar-benjamin>
- Bomeny, Helena (2001). *Darcy Ribeiro. Sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: UFMG.
- ____ (2009). “**Aposta no futuro. O Brasil de Darcy Ribeiro**”. In: Botelho; Schwarcz (org.). *Um enigma chamado Brasil*. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Cia. das Letras.
- Bonfil Batalla, Guillermo (1979). “**Darcy Ribeiro**”. In: *Encontros com a civilização brasileira*, n. 10.
- Cardoso, Fernando Henrique (2013). *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Carvalho, Edgard de Assis (1986). “**Darcy Ribeiro e a antropologia no Brasil**”. In: Moraes; Antunes; Ferrante (org.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- Castro, Eduardo Viveiros de (2015). “**Alguma coisa vai ter que acontecer**”. In: COHN, Sérgio (Org.). *Encontros: Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Giannetti da Fonseca, Eduardo (2016). *Trópicos utópicos*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Gomes, Candido Alberto (2010). *Darcy Ribeiro*. Recife: Fund. Joaquim Nabuco / Ed. Massangana, (coleção Educadores MEC).
- Gomes, Mércio (2000). *Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ícone.
- Graeber, David; Wengrow, David (2022). *O despertar de tudo*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Kozel, Andrés; Silva, Fabricio (org.) (2022). *Os futuros de Darcy Ribeiro*. São Paulo: Elefante.
- Latour, Bruno (2020). *Diante de Gaia*. São Paulo: Ubu.
- ____ (2020a). *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.
- Motta, Carlos Guilherme (1986). “*As ciências sociais na América Latina*”. In: Moraes; Antunes; Ferrante (org.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- Oliveira, João Pacheco (2002). “**Os índios e a civilização**”. In: Mota, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*, 2. São Paulo: Senac.
- Reis, José Carlos (2007): *As identidades do Brasil*, 1. Rio de Janeiro: FGV.
- ____ (2017). “**A visão mineira do Brasil: o ‘tempo inconfidente’ e a obra histórico-antropológica de Darcy Ribeiro**”. In: *As identidades do Brasil*, 3. Rio de Janeiro: FGV.
- Ribeiro, Darcy (1978). *A universidade necessária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra (3ª ed.).
- ____ (1979). *Ensaio insólitos*. Porto Alegre: L&PM.
- ____ (1979a). “**Antropologia ou a teoria do bombardeio de Berlim**” (entrevista). In: *Encontros com a civilização brasileira*, n. 12.
- ____ (1982). *Utopia selvagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ____ (1983). *O dilema da América Latina*. Petrópolis: Vozes.

¹⁷⁰ Gomes (2000: 22).

- ____ (1986). **Os índios e a civilização**. Petrópolis: Vozes (5ª ed.).
- ____ (1987). **O processo civilizatório**. Petrópolis: Vozes (9ª ed.).
- ____ (1990). **Os brasileiros**. Petrópolis: Vozes (10ª ed.).
- ____ (1993). "**Manoel Bomfim, antropólogo**". In: Bomfim, M. *A América Latina. Males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- ____ (1995). **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras.
- ____ (1997). **Confissões**. São Paulo: Cia. das Letras.
- ____ (1997a). **Mestiço é que é bom**. Rio de Janeiro: Revan.
- ____ (2007). **As Américas e a civilização**. São Paulo: Cia. das Letras.
- ____ (2015). **O Brasil como problema**. São Paulo: Global.
- ____ (2022). **Testemunho**. São Paulo: Record.
- Sagan, Carl (1996). **O mundo assombrado pelos demônios**. São Paulo: Cia. das Letras.
- Santos, Agnaldo; Ferraz, Isa (2014). "**Darcy Ribeiro**". In: Pericás; Secco (org.). *Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Schwartzman, Simon (2021). **Falso Mineiro**. Rio de Janeiro: História Real.
- Vasconcelos, Gilberto (2015). **Darcy Ribeiro. A razão iracunda**. Florianópolis: UFSC.
- Wulf, Andrea (2016). **A invenção da natureza. A vida e as descobertas de Alexander von Humbolt**. SP: Planeta.
- Zarvos, Guilherme (2007). **Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

Apêndice:

"Após terem metralhado um grupo de índios acampados junto a um rio, os homens da expedição ouviram um choro de criança, abafado pela mão da mãe. Para os que deviam voltar na manhã seguinte com a missão cumprida, aquele pequeno ruído mostrava que o serviço não fora perfeito. Rapidamente eles acendem as lanternas e saem vasculhando o mato. Sob dois corpos crivados de balas estavam escondidas mãe e filha. Os homens que as encontraram fizeram uma *festa*. Dois tentavam violentar a mulher e um beliscava a garotinha que chorava, vendo a aflição da mãe. Em volta, fechando o círculo, o grupo se divertia. Nas mãos dos dois nordestinos fortes a mulher índia se debatia. Nesse instante, aproveitando um descuido, a criança libertou-se, correu em socorro da mãe e, com raiva, mordeu a perna de um dos homens. A mulher em pânico tentava cuidar da menina e, ao mesmo tempo, livrar-se dos homens que a violentavam. O homem com a perna mordida foi substituído por outro, afastou-se da índia e com ódio começou a estrangular a criança. Alguém, querendo terminar com o espetáculo paralelo que atrapalhava o primeiro, tomou a menina das mãos do seu estrangulador e lhe deu um tiro de pistola 45 na cabeça. A testa da garotinha explodiu e o sangue salpicou a roupa dos que estavam em volta. Vendo a filha morta, a mulher não resistiu e desmaiou. Indefesa nas mãos dos chacinadores, a índia foi violentada por todos e depois retalhada a facção" (Ronald Carvalho, apud Ribeiro: **Os índios e a civilização**, 190).